



## Religiosidades no Cerrado: a festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis/GO <sup>1</sup>

João Guilherme da Trindade Curado <sup>2</sup>  
Erick Tavares Silva <sup>3</sup>

### RESUMO:

A Festa do Divino Espírito Santo que acontece em Pirenópolis (Goiás) desde 1819 é uma significativa manifestação da religiosidade popular que perdura por gerações e possui grande representatividade, por isso foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil em 2010. Pretendemos a partir das observações de campo e dos registros fotográficos realizados em 2014, descrever alguns aspectos desta Festa tão esperada e preparada pela comunidade pirenopolina e que apresenta saberes e fazeres exclusivos para esta festividade do Divino. Para tanto, abordaremos, também a partir da bibliografia existente sobre a Festa, aspectos ligados à tradição, destacando algumas das manifestações como as Folias, as Cavalhadas, os mascarados, o Imperador, o Reinado e o Juizado. Ainda serão destacados os aspectos alimentares que compõem o conjunto ritualístico e as especialidades da Festa.

**Palavras chave:** Festa do Divino; Religiosidade; Pirenópolis.

---

<sup>1</sup> O presente artigo está vinculado ao Projeto de Pesquisa “Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares” (Fapeg — chamada pública 005/2012) e ao Projeto de Pesquisa “Girando Folia: apontamentos turísticos e gastronômicos em uma das devoções ao Divino Espírito Santo — Pirenópolis/Goiás” (PrP/UEG).

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Docente temporário da Universidade Estadual de Goiás - UEG em Pirenópolis e da Rede Estadual da Educação de Goiás. Brasil. joaoguilherme@gmail.com

<sup>3</sup> Graduação em andamento em Gastronomia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG. Brasil. erick\_ets@hotmail.com

**P**irenópolis, um dos núcleos urbanos gênese do território goiano surgido no período da ocupação oficial em busca de ouro nas décadas iniciais do século XVIII (Gomes & Teixeira Neto 1993), e que manteve na religiosidade de seu povo, no transcorrer dos séculos, um de seus mais importantes suportes culturais.

Seguindo a legislação então em voga, a grande inquietação durante a ocupação de um núcleo aurífero levava em consideração a toponímia, que deveria considerar a comemoração do dia do santo mais próximo à data da chegada dos bandeirantes. Assim, às margens do Rio das Almas a localidade passou a ser denominada como Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, uma vez que a chegada se deu nos dias iniciais de outubro de 1727 (Jayme 1971).

Havia ainda a obrigação da ereção de uma Igreja Matriz, cujo orago era destinado ao santo padroeiro. Templo este destinado às práticas religiosas e também como norteador da dinâmica ocupacional e conseqüentemente do traçado urbanístico das localidades, sendo o centro irradiador da população. Devido à política de “padroado”, que consistia na ligação entre a Igreja e a Coroa, as edificações religiosas atuavam também junto às necessidades políticas e atendiam, sempre que necessário, as demandas do Estado, como relembra Azzi (1987 p. 58): “os sinos dos templos eram utilizados não apenas para lembrar ofícios religiosos, mas também para assinalar eventos cívicos”.

Destarte, destacamos que a Igreja Matriz possuía um significado extremamente importante, por agregar a religiosidade de povo à sociabilidade. Eram por entre suas paredes que aconteciam as celebrações que reunia a população local para as práticas religiosas e para os sacramentos ali ministrados como o batismo, o casamento e o funeral. Tríade que transpostos para a sociabilidade significavam, respectivamente: a consolidação das amizades por laços de cumpradescos; as uniões familiares pelos enlaces de filhos e a passagem e manutenção do ciclo da vida, mediante a morte. Tais cerimônias eram formais e exigiam compostura dos participantes que geralmente eram personagens secundários diante do protagonismo dos padres.

Situação adversa acontecia já nos adros das igrejas, quando o “domínio” do representante da Igreja já não era de todo respeitado, fazendo prevalecer outros poderes instituídos, mesmo que mantidos por acordos tácitos ou por elementos simbólicos ritualísticos, como por exemplo, a condução da festa maior, como foi chamada a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis (Brandão 1978), pelo Imperador do Divino — encargo ritual designado por sorteio dentre os inscritos e que tem como função principal organizar a Festa do Divino. Para a comunidade pirenopolina ainda hoje há reverência para com aquele que porta a Coroa do Divino, introduzida na festa pelo padre Manuel Amâncio da Luz, no ano de 1826 (Jayme 1971).

## **RELIGIOSIDADE NO CERRADO**

Vale ressaltar que não compreendemos o Cerrado como sendo apenas um bioma, por entendermos que se trata de algo mais amplo, principalmente quando buscamos abranger as manifestações de seus habitantes, temporários ou aqui residentes, mediante a religiosidade.

Assim sendo, delimitamo-nos ao antigo território goiano no intuito de melhor compreender algumas práticas culturais que são voltadas para a religiosidade do povo goiano. É mister destacar que mesmo com várias imposições da Igreja nos preceitos da crença religiosa, a mesma não contribuía de maneira a propiciar que em cada aglomerado populacional houvesse um representante eclesiástico, o que veio a contribuir de modo significativa para o desenvolvimento de uma religiosidade popular, ou seja, manifestações populares da religião.

O número de padres, desde o momento inicial, mostrava-se insuficiente para atender toda a demanda dos novos núcleos auríferos que iam surgindo às margens dos leitos dos rios e demais cursos de água que transcorriam pelo Cerrado goiano. A situação observada quase um século depois não foi muito adversa e foram relatadas pelos viajantes europeus que por aqui passaram, dentre eles há ênfase para as anotações feitas por Saint-Hilaire (1975) e Pohl (1976).

É possível observar que a religiosidade do povo goiano foi se alterando no decorrer do tempo, inclusive com a alteração da atividade econômica e também da apropriação espacial. Quando vinculada à mineração a devoção recaía a santos como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia — ícones da devoção nos núcleos auríferos, pois possuíam toda uma ligação com os escravos que eram para ali deslocados. Em seguida, após a transposição da comunidade dos núcleos urbanos para a área rural, ocupando-se das atividades ligadas à agropecuária, outras devoções passaram a receber importância, pois se relacionavam diretamente com as questões da ruralidade, como a fartura e a proteção de lavouras e de animais. Receberam maior destaque naquele contexto: São Sebastião, São João, São Pedro, Santo Antônio, Santa Luzia e o Divino Espírito Santo, dentre outros.

A paisagem festiva em Goiás, predominantemente, até meados do século XX era basicamente ligada ao catolicismo e ao catolicismo popular, como demonstram Deus e Silva (2003) ao abordarem uma panorâmica da história das festas goianas, sendo que algumas destas manifestações perduram por mais de dois séculos e outras se incorporaram ao cotidiano no decorrer do tempo e das dinâmicas sociais e espaciais do grupo.

Uma característica bastante marcante do período da ruralização em relação à religiosidade dos goianos aponta para o fato do não abandono das crenças, pelo contrário, a fé tornou-se mais íntima e necessária. Sobre Meia Ponte, atual Pirenópolis, há um seguinte registro referente ao ano de 1819, que

demonstra a transferência da população para a área rural: “ainda hoje a maioria dos habitantes de Meia-Ponte se dedica à agricultura e como só vão ao arraial aos domingos, as casas permanecem vazias durante toda a semana” (Saint-Hilaire 1975 p 37).

A partir das observações do viajante francês, é possível discorrer sobre alguns comportamentos sociais ligados à religiosidade de então. Inicialmente o esvaziamento dos núcleos urbanos em detrimento dos deslocamentos e fixações dos goianos nas áreas rurais e produtivas, em que a tanto a agricultura quanto a pecuária eram atividades basicamente de subsistência.

O retorno dos meiapontenses para o arraial, aos domingos, muito mais do que uma obrigação prescrita pelo catolicismo da participação na missa dominical, representava um momento ritual de sociabilidade, prejudicada pelo distanciamento entre as propriedades rurais que eram bastante extensas naquele período, assim como pelos inúmeros afazeres que ocupava significativo tempo do homem rural na lida junto ao Cerrado.

Diante da nova situação da ruralidade, afastando-se da Igreja Matriz, os goianos se sentem desprotegidos por estarem “longe” dos santos e para isso acabam por estabelecer relações de intimidades com as entidades devocionais canonizadas pela Igreja, promovendo rezas e terços em suas propriedades com a participação de amigos e vizinhos de terras, mas sem a presença de representantes eclesiásticos. Para tanto, adquirem oratórios e imagens que após serem “bentos” pelos párocos, eram instalados em salas ou mesmo em capelas rurais anexadas às moradias, ou mesmo separadas destas, como observou Jayme e Jaime ao pesquisarem sobre as capelas rurais de Pirenópolis (2002).

Primeiramente estas manifestações eram bem vistas e mesmo incentivadas, pois o número reduzido de prelatícios dificultava o atendimento a todos os fieis, uma vez que a maioria deles constituía-se por moradores de áreas rurais e, portanto de difícil acesso. Mas estas práticas populares de devoção foram se ampliando e dando sustentação cada vez mais forte a festas que aconteciam sem a presença dos párocos — até então interlocutores oficiais entre devotos e devotados —, para serem conduzidas por pessoas da própria comunidade.

As folias são um bom exemplo desses deslocamentos devocionais, tanto em relação ao espaço percorrido quanto pela condução de tal manifestação em que representantes da Igreja são dispensáveis. Estas interações espaciais possíveis e necessárias apontam para a necessidade de expressão das devoções, mediante a manutenção de rituais, como observou Maia (2010) ao refletir sobre o espaço de um “Mundo Festivo”.

## **A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM PIRENÓPOLIS**

A Festa do Divino Espírito Santo acontece em Pirenópolis, desde pelo menos 1819 (Jayme 1971) e conforme Brandão (1978) aglutina inúmeras manifestações. A Festa do Divino passou por várias intervenções políticas eclesásticas, conforme destacou Silva (2001) que aponta alguns reflexos na Festa do período de romanização ao momento de patrimonialização, mesmo que anterior ao registro, ocorrido em 2010. Para tanto utiliza documentos da Igreja que ora visam normatizar e controlar e ora proibir parte dos festejos. O alvo principal era a Folia do Divino Espírito Santo, que reúne inúmeros devotos que transitam pela área rural do município.

Considerando que a Festa do Divino pode ser compreendida como um rito equestre, conforme perspectiva de análise empreendida por Spinelli (2009), sendo que grande parte das festividades utilizam-se de equinos para serem realizadas, como a Folia, Mascarados e Cavalhadas. Partindo deste ponto de vista há ainda concordância com Maia (2002) quando afirma o autor que acontece, em Pirenópolis “enlaces geográficos de um mundo festivo”. Este entrelaçar espacial foi significativamente evidenciado no transcorrer de nossas pesquisas de campo, quando observamos que o rural e o urbano se encontram concomitantemente, assim como o público e o privado, fazendo com que fazendas em que acontecem os pousos de Folia e casas particulares, em especial a residência do Imperador do Divino, figura máxima na festa, tornem-se espaços do povo e mantenham-se aberta durante o período festivo.

A comemoração de Pentecostes coincidia com o período das colheitas agrícolas em Goiás, por isso se caracterizava como um momento de intensos agradecimentos à produção anual e nada melhor para agradecer do que festejar. Portanto, o Divino sempre recebeu doações materializadas em mantimentos que poderiam contribuir para a alimentação, em forma de comunhão entre os devotos. Os *saberes* locais incluem a doação enquanto colaboração ao Imperador, para a realização da festa, por isso é possível compartilhar a mesa com milhares de outras pessoas. De modo geral, as relações entre dádivas e reciprocidade são bastante comuns nas sociedades rurais, conforme Sabourin (2004).

A Folia do Divino com seu *giro* — trajeto circular percorrido — possui inúmeros rituais que também são promovidos nos pousos de folia, quando os foliões param durante a noite para o descanso, no intuito de continuarem a jornada com as bandeiras no dia seguinte.

A trajetória do *giro* da Folia implica em estabelecer uma logística pela qual os foliões possam circular pelas fazendas sem cruzarem os caminhos, um *saber* planejado com o intuito de evitar o interdito do “cruzar” bandeiras ou caminhos. Os foliões seguem uniformizados e cavalgam durante todo o dia, chegando ao fim da tarde na fazenda em que acontecerá o pouso.

**Figura 01.** Folia do Divino Espírito Santo girando pela área rural



Fonte: Curado JG 2014.

A Folia constitui-se como um conglomerado de rituais, que envolve desde sua constituição até sua circulação. No primeiro caso prevê uma hierarquia entre os foliões, inclusive definindo tarefas a serem cumpridas para o desenrolar do *giro*. No que se refere à trajetória, os caminhos do *giro* são permeados de casas de devotos que recebem as bandeiras até a chegada à fazenda em que acontecerá o pouso.

Os rituais da Folia podem ser compreendidos, quase todos eles, seguindo as definições conceituais analisadas por Genep (2011), ao descrever os ritos de passagem. Por exemplo, é possível aplicar a análise entre os “indivíduos e os grupos”, no que se refere aos “ritos de fraternização” ou os de “saudação”, tendo por análise os foliões que levam as bandeiras para abençoar os lares dos que não integram a Folia, assim ao chegarem às residências receptoras entoam cânticos pedindo passagens e bênçãos.

Quando os foliões chegam a casa em que vai acontecer o pouso, as cerimônias ritualísticas se intensificam como observamos e registramos em trabalhos de campo. O espaço da fazenda é transformado temporariamente para a festa. A sala recebe um altar improvisado com imagens dos santos de devoção, onde as bandeiras ficarão depositadas durante a noite.

Na frente da casa é disponibilizada uma área para que os foliões, montados, façam uma coreografia de saudação de chegada, popularmente conhecida como o “S” da Folia. Desmontam e seguem a pé até um arco ornamentado onde cantam pedindo autorização para adentrar. Este marco tem por função que Genep (2011) denominou como “passagem material” que ocorre, ainda de acordo

com o autor, por meio de soleiras e pórticos que delimitam “os ritos de entrada”. Em quase todas as manifestações ao Divino em Pirenópolis a ritualidade de chegada, da alimentação e da partida se faz presente.

Durante o *giro* da Folia é possível perceber ainda a força da tradição para os pirenopolinos, pois mesmo com o advento do automóvel o deslocar festivo é feito sobre equinos e os foliões transmitem a devoção e incentivam a participação para seus descendentes. É muito comum a presença de jovens foliões ou até mesmo de crianças que acompanham seus pais durante a Folia, mantendo a continuidade devocional.

Para receber um pouso, a fazenda tem sua espacialidade bastante alterada, pois se faz necessário uma estrutura, mesmo que efêmera, que atenda às necessidades básicas da Folia e dos foliões, como por exemplo, montar um altar improvisado para receber as bandeiras, deixar o pasto da frente livre para a alegoria da chegada, preparar uma área destinada ao acampamento dos foliões que deve ser na proximidade de um curso de água e ainda organizar uma cozinha que atenda as demandas de tanta gente em pelo menos três refeições: a janta, o café da manhã e o almoço.

A farta alimentação da Festa do Divino acontece, não só na casa do Imperador, mas ainda em outras casas da cidade que recebem as bandeiras do Divino por ocasião da Folia do Divino da Rua, que perpassa ruas não centrais de Pirenópolis. Nas Folias rurais, que são atualmente duas: a Tradicional e a da Renovação Cristã, a presença e distribuição farta de alimentos também são constantes, como demonstraram os estudos sobre estas manifestações, realizados, respectivamente por Veiga (2002) e por Siqueira (2013). No cardápio muita carne, mandioca, arroz e feijão, macarrão e ainda salada, comidas que sustentam e que fazem parte da dieta rural goiana.

A comensalidade durante a Festa do Divino é bastante ritual, pois há na Folia e geralmente em outras manifestações, a bênção inicial da mesa já posta, seguida da alimentação em conjunto das pessoas e em seguida quando são entoadas músicas e cantos de agradecimento de mesa.

A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis é uma típica manifestação ligada à ruralidade que passou a representar a comunidade, mesmo no período presente. Assim, mesmo sendo posterior ao surgimento do aglomerado populacional, possui representatividade que suplanta a padroeira local, Nossa Senhora do Rosário, cujas comemorações atualmente são bastante fracas e restritas aos fiéis.

A Festa do Divino se faz presente durante todo o ano, quando os preparos são diversos e ocupam significativa parcela dos pirenopolinos que possuem *saberes* e *fazeres* indispensáveis para o bom andamento das festividades. São costureiras e bordadeiras que se dedicam durante meses na elaboração de roupas dos cavaleiros e nos adereços dos cavalos, que participarão das Cavallhadas — uma

representação das lutas entre mouros e cristãos que aconteceu na Península Ibérica e que são reproduzidas no Cerrado, tendo uma onça pintada por espião que ao ser morto pelos cristãos, iniciam as coreografias das lutas equestres que culminam com a conversão dos mouros ao cristianismo mediante o sacramento do batismo. Há ainda os jogos em que os cavaleiros demonstram diversas habilidades equestres, desenvolvidas geralmente na lida diária do campo. Atualmente as Cavalhadas são a manifestação mais divulgada durante os festejos ao Divino em Pirenópolis.

Outra figura bastante emblemática e símbolo atual de Pirenópolis são os mascarados. Suas máscaras de papel são confeccionadas por vários artesãos locais com uma técnica de reaproveitamento de papel e que são usadas durante os festejos ao Divino, mas estas também têm sido utilizadas ainda em decoração de estabelecimentos comerciais e até mesmo em residências. Os mascarados andam pelas ruas da cidade animando a população com o colorido de suas roupas e seus ornamentos, dentre os quais se destacam as flores feitas em papel crepom por habilidosas mãos pirenopolinas, uma prática que tem sido substituída pelas flores de plástico, ultimamente usadas pelos cavaleiros por terem maior durabilidade.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juizado de São Benedito, outrora recorrentes na festa do Rosário, em outubro, foram transferidas para a Festa do Divino e acontecem nas manhãs da segunda e terça-feira da Festa e têm tomado uma dimensão bastante significativa, uma vez que passaram a representar atualmente aspectos identitários dos pirenopolinos, como constatou Lôbo (2006).

Assim como para o Reinado e o Juizado, o Imperador do Divino participa de alguns cortejos em que é levado de sua residência para a Igreja. No entanto, o cortejo mais pomposo e concorrido, que se difere da parte rural da festa, pela ostentação de luxo, são os que acontecem na manhã do Domingo do Divino, quando o Imperador é trasladado, com pompa até a Matriz para assistir a missa solene de Pentecostes ao fim da qual será sorteado um novo condutor da festa para o ano vindouro.

O cortejo é composto por inúmeras bandeiras do Divino que vão à frente, seguidas por grupos folclóricos que se apresentam ao longo do trajeto. Mais próximo ao Imperador que segue em um quadro, delimitador de espaço entre o Imperador e sua comitiva dos demais partícipes, fica o andor com uma pomba branca que representa o Divino Espírito Santo. Meninas de branco — uma alusão à pureza —, seguem o cortejo portando bandeirinhas do Divino. Muitos são os fotógrafos que buscam registrar o momento.

Enfim, são inúmeras outras manifestações que acontecem durante os festejos ao Divino Espírito Santo em Pirenópolis, e foi devido à representatividade e ao mosaico de festas que ali se

compõem e que ligam o rural e o urbano que esta festa foi escolhida para ser registrada como Patrimônio Cultural do Brasil, um processo que se delongou por mais de dois anos e envolveu a elaboração do Inventário de Referências Culturais que culminou com o documento de pedido de registro junto ao Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Curado & Lôbo, 2013).

**Figura 02.** Cortejo do Imperador do Divino em Pirenópolis



Fonte: Silva ET 2014.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Faz-se necessário salientar que existem inúmeras outras manifestações de religiosidades no Cerrado, no entanto o destaque dado à Festa do Divino Espírito Santo em Goiás advém do fato de que “desde o século XVIII, é possível identificarmos registros dessas devoções e da multiplicidade performática que elas incorporaram nestes sertões” (Britto et al 2015 p. 8) e seguem imediatamente mapeando a devoção do Divino por Goiás: “presenças e ausências que sobrevivem, por exemplo, em Pirenópolis, Corumbá, Jaraguá, Palmeiras, Pilar, Santa Cruz e na Cidade de Goiás, antiga capital”.

A Festa do Divino Espírito Santo que acontece anualmente em Pirenópolis, há quase dois séculos, é uma manifestação cultural de grande importância para a exteriorização da religiosidade dos pirenopolinos e devido a sua representatividade foi mantida pela comunidade e recentemente registrada como patrimônio cultural do Brasil, outro indicativo de que se trata de uma festa complexa, que envolve gerações, várias espacialidades, assim como conhecimentos e práticas diversas que só se fazem presentes por ocasião daquele festejo.

O período de seca no Cerrado é fundamental para a condução da Festa do Divino, pois a falta de chuva coincide com o frio que é um elemento caracterizador da Festa, pois para as alvoradas e farofadas o frio e o vento seco são elementos indispensáveis e constituintes das memórias pirenopolinas sobre estas manifestações. À noite para a confecção de Verônicas, doces a base de açúcar, a serem distribuídas para as meninas participantes do cortejo no Domingo do Divino, o clima é fundamental, uma vez que o ponto só ocorre com o clima bastante ameno.

A Festa do Divino reúne em si elementos das festividades de negros, como o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juizado de São Benedito, e os Congos. Conta ainda com elementos ligados à cultura indígena como os mascarados índios, presentes nas Cavalhadas pelo menos desde a década de 1970, assim como vários componentes europeus ligados ao catolicismo. Toda essa junção faz com que a tradição, entendida segundo conceituação de Giddens (2003), permaneça nas manifestações das religiosidades no Cerrado, mesmo que para isso tenha que se modificar.

## REFERÊNCIAS

- Azzi RA 1987. *Cristandade colonial: mito e ideologia*. Vozes, Petrópolis, p. 152.
- Brandão CR 1978. *O Divino, o Santo e a Senhora*. FUNARTE, Rio de Janeiro, p. 159.
- Britto CC, Prado PB, Rosa RL 2015. *Os sentidos da devoção: o Império do Divino na Cidade de Goiás (Séculos XIX e XX)*. Editora Espaço Acadêmico, Goiânia, p. 258.
- Curado JG, Lôbo TC 2013. Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis: Vivências sobre o processo de Registro. In: *Anais do VI Simpósio Internacional de História: Culturas e Identidades*. ANPUH-GO/UFG, Goiânia.
- Deus MS, Silva MM 2003. *História das festas e religiosidade em Goiás*. Editora Alternativa, Goiânia, p. 74.
- Gennep AV 2011. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc.* Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Vozes, Petrópolis, p. 164.
- Giddens A 2003. *Mundo em descontrolé*. Trad. Borges MLXA. 3. ed. Record, Rio de Janeiro, p. 108.
- Gomes H, Teixeira Neto A 1993. *Geografia Goiás - Tocantins*. 2. ed. UFG, Goiânia, p. 227.
- Jayme J 1971. *Esboço Histórico de Pirenópolis*. UFG, Goiânia, vols I e II, p. 624.
- Jayme J, Jaime JS 2002. *Casas de Pirenópolis: casas de Deus e casas dos Mortos*. UCG, Goiânia, vol II, p. 316.
- Lôbo TC 2006. *A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis/Goiás*. Dissertação de Mestrado, IESA/UFG, Goiânia, p. 152.
- Maia CES 2002. *Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional*. Tese de Doutorado, PPGG/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 300.

Maia CES 2010. Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: Rosendahl Z (Org.), *Trilhas do sagrado*. EdUERJ, Rio de Janeiro, pp. 87-111.

Pohl JE 1976. *Viagem no interior do Brasil*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Itatiaia/USP, Belo Horizonte/São Paulo, p. 417.

Sabourin E 2004. Dádivas e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. *Tomo* 7(1):75-103.

Saint-Hilaire A 1975. *Viagem à província de Goiás*. Trad. Junqueira RR. Itatiaia/USP, Belo Horizonte/São Paulo, p. 158.

Silva MM 2001. *A festa do Divino: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Agepel, Goiânia, p. 229.

Siqueira MAM 2013. *Estudo da Folia do Divino da Renovação Cristã como atrativo turístico*. Monografia, UEG-UnU, Pirenópolis, p. 37.

Spinelli C 2009. *Cavaleiros de Pirenópolis: etnografia de um rito equestre*. Dissertação de Mestrado, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 212.

Veiga FB 2002. *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Dissertação de Mestrado, PPGACP, Niterói, p. 220.

## Religiosity in the cerrado: the holy Divine Spirit festival in Pirenópolis/GO

### ABSTRACT

The Holy Divine Spirit which takes place in Pirenópolis (Goiás) since 1819 is a significant manifestation of popular religiosity that lasts for generations and is very expressive, so it was recognized as Cultural Heritage of Brazil in 2010. It is intended from field observations and photographic records made in 2014, describe some aspects of this awaited festival prepared by people from Pirenópolis community. It is also intended to present the unique knowledge and doings of this Holy Divine Spirit festival. To do so, we discuss also the existing literature about this celebration and aspects related with heritage rural life, highlighting some of the events as the Folias, the Cavalladas, The Mascarados, the Emperor, The Reinado and the Juizado. It is also presented food aspects that make up the whole ritualistic and spatiality of the Festival.

**Keywords:** Holy Divine Spirit Festival; Religiosity; Pirenópolis.

Submissão: 19/10/2014  
Aceite: 23/06/2015